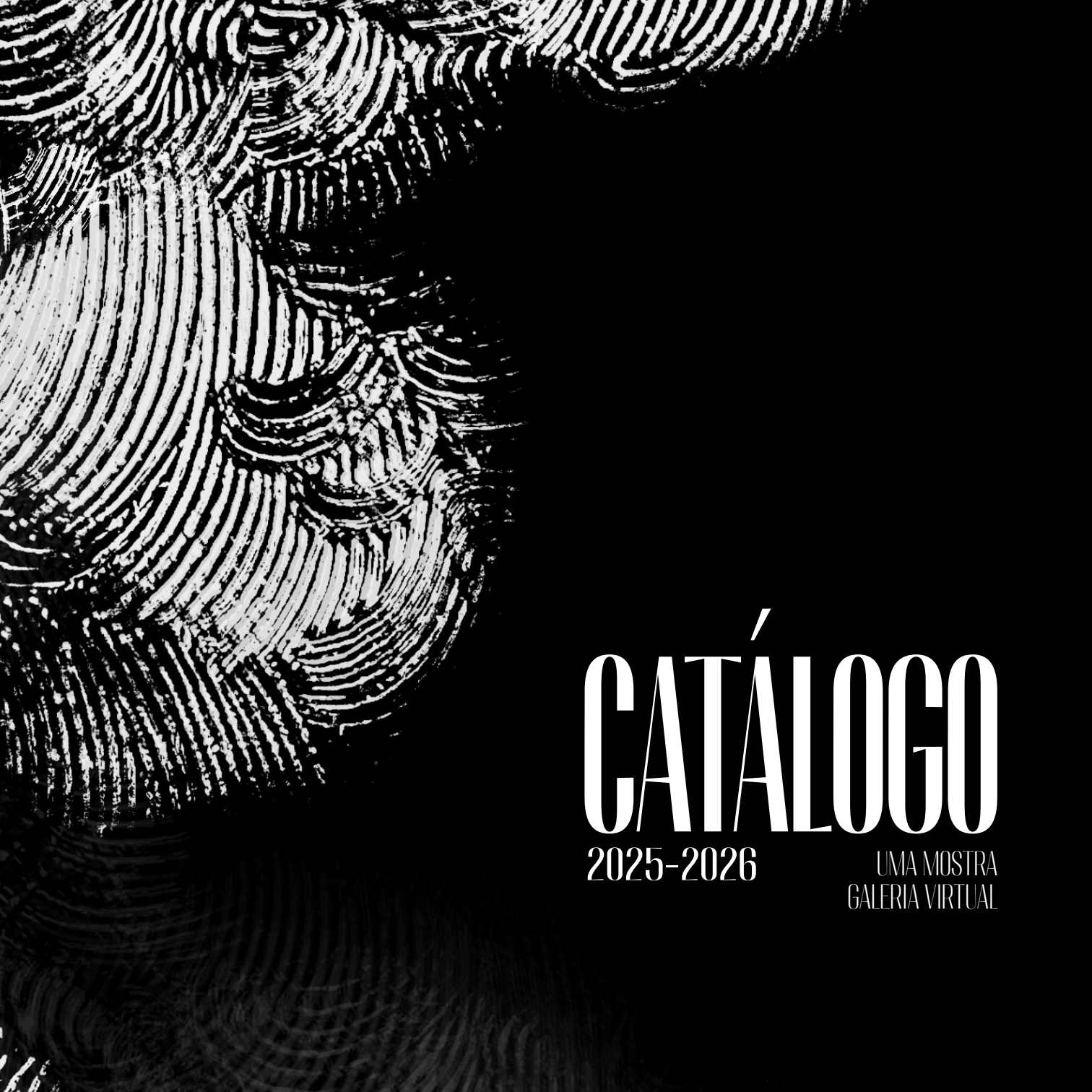




CATÁLOGO

2025-2026

UMA MOSTRA
GALERIA VIRTUAL

CATÁLOGO

2025-2026

UMA MOSTRA
GALERIA VIRTUAL

PROJETO DE EXTENSÃO UMA MOSTRA - GALERIA VIRTUAL
5ª EDIÇÃO (2025/2026) - CATÁLOGO - 2025

COORDENADORA

Deborah Walter de Moura Castro

COORDENADORA ADJUNTA

Daniela Silva de Freitas

**EQUIPE ORGANIZADORA E
COMISSÃO CURATORIAL**

Cibelly Miranda Gomes Santos

Deborah Walter de Moura Castro

Elisa Silva Pereira Figueira

Jessica Luana Venâncio Pimenta

Juan Souto Demétrio Marinho Prado

Lavinia Madeira

Livia Barbosa Teixeira

Maria Clara Lima

Maria Júlia de Castro Otaviano

Mariana Elisa da Silva Terra

Nicollas Rezende Leite Alves

Pietra Silva Morais Vieira Taglialegna

Thays Rosendo Silva

Yasmim Lopes de Oliveira

ORGANIZAÇÃO GERAL

Deborah Walter de Moura Castro

UNIFAL-MG

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

EQUIPE EDITORIAL

Deborah Walter de Moura Castro

Livia Barbosa Teixeira

Mariana Elisa da Silva Terra

Editoração

Livia Barbosa Teixeira

Mariana Elisa da Silva Terra

Diagramação

Livia Barbosa Teixeira+

Mariana Elisa da Silva Terra

Revisão

Deborah Walter de Moura Castro

Mariana Elisa da Silva Terra

Design e Ilustração da capa

Mariana Elisa da Silva Terra

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central – Campus Sede

Uma Mostra galeria virtual: catálogo 2025-2026 / Deborah Walter de
Moura Castro (organizadora). – 5. ed. – Alfenas, MG: [s. n.], 2026.
101 p.: il. –

ISBN: 978-65-02-28571-8 (e-book)

Suporte: E-book

Formato: PDF

1. Artes. 2. Arte - Catálogos. 3. Cultura. 4. Extensão universitária. I.
Castro, Deborah Walter de Moura (org.).

CDD: 700

CATÁLOGO

2025-2026

UMA MOSTRA
GALERIA VIRTUAL

APRESENTAÇÃO —

*Um ser pode ver sua existência se
duplicar, se triplicar, enfim, pode existir
em vários planos distintos permanecendo
numericamente um.*

David Lapoujade, em Existências

UMA MOSTRA apresenta em seu nome “uma”, que ao mesmo tempo em que singulariza, indetermina; pode apontar para o particular, o único, enquanto agrupa, em uma única proposta, o todo. UMA MOSTRA é um espaço de exibição de produções autorais que quer revelar, em um único espaço, a força da coletividade evidente tanto no grupo de produções aqui exibidas quanto na parceria entre os membros da nossa equipe.

O Projeto de Extensão UMA MOSTRA – galeria virtual UNIFAL-MG tem como principal objetivo a criação de uma galeria de arte virtual como um espaço de divulgação e promoção de produções artístico-culturais contemporâneas e autorais nos mais variados formatos, linguagens e estéticas. Com exposições anuais e contando com a participação tanto da comunidade interna quanto externa, a partir de chamada aberta, nesta quinta edição, contamos com a participação de 23 artistas e um total de 63 trabalhos, tais como desenhos, ilustrações, pintura, fotografia, esculturas, poemas, poesia visual, arte urbana, colagem e *quilting*. Um dos eixos condutores desta edição, e até então deste projeto, é exatamente manter as singularidades das práticas de cada artista em suas temáticas e técnicas, mas também respeitando ao máximo a liberdade textual das propostas. Essa é uma das motivações para o nome da galeria: UMA MOSTRA.

Um dos grandes interesses da UMA MOSTRA é presenciar e perceber as tendências do universo artístico contemporâneo, as práticas experimentais e apagamento das bordas entre as artes, inserindo toda e qualquer manifestação cultural dentro do termo “artes”, como um campo único – sem desmerecer as particularidades/individualidades de cada prática, mas tendendo a uma

percepção menos rígida ou confinada das produções. Vale ressaltar, porém, que como uma galeria virtual, toda e qualquer manifestação é apresentada através de imagens/fotografias, o que infelizmente nem sempre capta a imensidão da obra, mas sim a traduz a partir do olhar escolhido pela/o própria/o artista.

Optamos também por preservar, sempre que possível, a escrita original das/os artistas. Assim, em diversos casos, foram mantidas escolhas de grafia e estilo, como o uso de letra minúscula no início de frases e nos títulos das obras; ou mini bios ou resumos da proposta com textos de não mais do que uma frase, por se entender que essas opções integram a forma como os trabalhos são apresentados por seus autores.

As produções artísticas ficam expostas na página da nossa galeria por aproximadamente um ano, tendo início entre outubro e novembro, e permanece até que a equipe abra uma nova chamada e exponha os trabalhos da edição seguinte. Devido a esse caráter temporário da nossa galeria, optamos, desde a 3ª edição (2023/2024), pela confecção de um catálogo/e-book com todas as obras submetidas naquele ano. Entendemos que essa é uma maneira de termos o registro das nossas exposições construindo a memória desse projeto e também disponibilizando um produto às/aos nossas/os artistas participantes e espectadores.

O diferencial deste ano, no que diz respeito à equipe, é que pela primeira vez nossos encontros foram todos presenciais. Semanalmente a equipe se encontrava para discutir ações, aprimorar as frentes do projeto e também começar a pensar em exposições presenciais. Ficamos responsáveis pela exposição artística da II Semana de Eventos de Linguística e Literatura (II SELL), que aconteceu entre os dias 1 e 4 de setembro de 2025. Esta exposição contou com produções dos discentes da disciplina eletiva Entre palavras e imagens, com a curadoria, projeto expográfico e montagem sob a responsabilidade de nossa equipe.

Todas as ações desenvolvidas pelo Projeto possibilitaram um avanço em nossas pesquisas assim como um diálogo mais próximo entre os membros da equipe e outros participantes. Com essa iniciativa e crescente adesão do público, ficou mais clara a importância de abrirmos um espaço de valorização, integração e ocupação das manifestações artísticas e culturais nesta instituição, fazendo da UMA MOSTRA galeria virtual um espaço presente na nossa instituição, UNIFAL-MG, sempre aberto a diálogos e participações.

Agradecemos a participação de toda/os!
Deborah Walter de Moura Castro

SUMÁRIO

ANA HIRSCH	10
ANNA LUIZA SPOSITO	14
EDUARDO FILIPE	18
ELIDAYANA ALEXANDRINO	22
EMERSON COSTA	26
FELIPE ONDEI	30
HELENA FELÍCIO	34
JOANA BENTES	38
JOÃO MALBEC LACAZ	42
JULIANA TREVISAN	46
KAMUI	50
KÁTIA LOMBARDI	54
MILTON BLASER	58
MIRTIGO	62
NALARA	66
NICOLE PASSOS	70
PAULINHO BREU	74
RONALD POLITO	78
SENHORITA BARROS	82
SILVIA REIS	86
SOTURNALIA	90
RAVI FREITAS	94
VICTOR H. AZEVEDO	98

ARTISTAS

ANA HIRSCH

CÉU AZUL

Natural de Alfenas, Ana ingressou na UNIFAL-MG em 2022 com o objetivo de seguir seus estudos na área que gosta, a de literatura, realizando pesquisas sobre o gótico e a escola byroniana brasileira. Durante os anos de graduação, conquistou sua primeira câmera DSLR, transformando um passatempo de infância em uma atividade mais séria.

Poucos são os momentos em que realmente observamos o céu. Antes, víamos com mais frequência se as nuvens possuíam algum formato engraçado. Também acompanhávamos as transições das cores do céu: do dourado do entardecer ao negro da noite; do lilás ao azul-claro da alba. A verdade é que, para alguns, o céu é apenas céu; para muitos, um refúgio post mortem; e, para outros, um lugar de descobertas. Para mim, o céu é bonito. Para a produção “Céu azul”, há “Vida” (2025), “Epifania” (2025) — uma foto da Catedral de S. Pedro de Alcântara — e “Eclesiastes” (2025) — uma foto do Dedo-de-Deus —, por demonstrarem a beleza do céu e como ele, em comunicação com outros objetos, possibilita leituras sobre temas como vida e morte, humanidade e divindade, e o próprio divino em si.

ANA HIRSCH
Vida | 2025



ANA HIRSCH
Epifania | 2025



ANA HIRSCH
Eclesiastes | 2025



ANNA LUIZA SPOSITO

TRAVESSIA

Anna Luiza Sposito é uma artista mineira de 26 anos.

Há um moleque que habita em mim. Na última vez que o vi, se encontrava de camiseta vermelha, a bermuda não quis me mostrar a cor e os sapatos que usava, nem o modelo. Mas ele saltitava, saltitava e saltitava no pasto em que vivi um tempo na Serra da Canastra. Era noite de lua cheia e o céu estava estrelado. Ele dança a melodia da minha caminhada até aqui. Costumo sentir o tempo não linear da vida em ventos e aromas. Aquela imagem carregava o peso do que há em meu peito. Ele precisa viver aqui fora. Assim se fazem estes poemas. A Manoel de Barros, diria que meu quintal também é maior do que o mundo. Descalça sobre a terra, deixo que os ventos me levem sem me submeter ao medo.

ANNA LUIZA SPOSITO
A Manoel | 2025

A Manoel

Quando a manhã se passa com café,
ainda é menino e se entende pouco
da vida. Depois, cresce e dá vontade
de saber menos do que aqueles tempos.

O que não sei falar vira poema.
Faço o contrário e me conheço, às
vezes, dói. Estou vivo. É grande sorte
ter o menino brincando em meu peito.

Cabia toda infância nos bolos
feitos à terra e nas partilhas de doces
com meu irmão, onde corria o rio.

Maior que o mundo, é o quintal da avó.
Vejo cores! É saber que é plural.
Sinto raiva, pois sou capaz de amar.

ANNA LUIZA
SPOSITO
s/ Título | 2025

as aleluias no poste
lembram-me o rancho de quando menino
sob noites que caem no mato
o vejo, em bicho, saltitar
onde há tamanduás e as vacas ordenham
é lar de estrelas cadentes e outras imagens
que violência acomodá-lo à cidade!

ANNA LUIZA
SPOSITO
s/ título | 2025

o menino em véspera de presente
quer dormir pela surpresa
e se inquieta

quando se é gente grande
- conta ele
o anseio é outro

a mim

gosto de matar saudade
em língua brasileira
que bota tanto na palavra

o vazio

EDUARDO FILIPE

A BELEZA DAS ÁRVORES LAVRENSSES

Discente do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA), na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Graduado em Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia e em Administração Pública no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) - campus Varginha.

Seja no centro, na universidade ou em qualquer outro lugar, Lavras possui belas árvores. As árvores representam alegria, vida e otimismo. As árvores trazem o frescor e a esperança que precisamos para os diversos momentos da vida. Por fim, como disse Bill Walton (um dos maiores jogadores de basquete da história): “I love trees.”



EDUARDO
FILIPE
Uma manhã
agradável do
mês de junho |
2025

EDUARDO
FILIPE
Uma tarde na
universidade |
2025





EDUARDO
FILIPE
Uma árvore e
sua representa-
tividade | 2025

ELIDAYANA ALEXANDRINO

QUIROMANCIA

Elidayana Alexandrino (PB-1986) artista visual, educadora e pesquisadora independente. Graduada em Artes Plásticas, licenciada em Educação Artística (UBC). Utiliza a fotografia e a palavra como forma de expressão. Realiza pesquisas em que relaciona imagem, memória e cotidiano, também investiga a relação entre corpo, retrato e natureza. Há mais de uma década atua em museus e equipamentos culturais, fazendo visitas, formações, materiais educativos, oficinas e projetos curatoriais.

A fotografia e a poesia são linguagens distintas, mas na minha produção são como uma simbiose, se integram formando um só corpo expressivo. Na série Quiromancia, as texturas das imagens se aproximam das texturas das palavras e entregam as “profecias” poéticas da epiderme.

ELIDAYANA
ALEXANDRINO
A pedra | 2022



A pedra

Me recusei a ver a pedra
Me recusei a sentir o peso nas minhas mãos.
Me recusei a sentir a textura e a
temperatura.
A recusa é uma névoa nos olhos e se chama
ilusão.
Quando vi a pedra duvidei...
A dúvida só reforça a dor
A pedra é real e agora eu não só a vejo como
também a toco.
A cegueira também é uma forma de
proteção, mas ela só protege até certo
ponto.
A vida mostra a pedra, nem sempre será
preciosa, mas pode ser precisa para cair e
poder sentir o chão...
Sinto a poeira nos meus pés, não mais nos
meus olhos...
Volto a andar e o caminho está livre
novamente...
Sigo.

ELIDAYANA
ALEXANDRINO
Delicadeza | 2025



Delicadeza

A delicadeza pode ser escandalosa,
ousada e até ardilosa...

A delicadeza de um inseto está nas
patas, nas asas, nas antenas, nos
pequenos olhos, no caminhar...

Uma aranha tece a teia para ser sua
casa e também para conseguir se
alimentar de outros insetos que de
tão distraídos são pegos na
invisibilidade da matéria fina(l)...

Usamos a delicadeza também como
arma...

Armadilha vital, escudo intangível...

Eu me nego a perder a fina camada
do meu espírito que por caminhar
nas fronteiras sempre soube usar o
brilho da lâmina...

ELIDAYANA
ALEXANDRINO
Linhas do tempo | 2021

Linhas do tempo



Costuro minha pele como costuro os dias, de forma lenta vou dando pontos, às vezes recomeçando, quando acho que terminei me assusto, vejo que parte da costura desmanchou e volto novamente para o momento inicial. A vida é assim, costuramos o tempo em nossa pele, remendamos os segundos, minutos, horas... Que dia é hoje? Já não sei mais por quantas luas passei. O céu nublado anuncia a chuva dentro dos meus olhos, pego a agulha e lentamente furo o tecido que pede movimento. Meu corpo quer dançar.

EMERSON COSTA

POEIRAS

Professor de História e Geografia (mestrando em História Ibérica na UNIFAL-MG), pedalando e caminhando por tempos desacelerados, onde ventos de poeira, gentes e bichos sopram sentido e esperança nesta vida apressada do Capitaloceno.

Registros capturados com o celular durante passeios de bicicleta ou caminhadas, pela zona rural ou urbana, preservando lembranças “aleatórias” e afetivas de gentes humanas e não humanas, e das histórias que compartilham.



EMERSON
COSTA
Senhora dos
caramelos |
2022

EMERSON COSTA
Sol no rasto de São
Pedro | 2019



EMERSON COSTA
Poeira nas Paineiras | 2018



FELIPE ONDEI

MICROCOSMOS

Sou Felipe Ondeí, tenho 23 anos e desde cedo desenvolvi uma relação intensa com a arte, mesmo sem ter seguido qualquer percurso formal de estudos na área. A arte sempre representou para mim um espaço paradoxal: ao mesmo tempo em que possibilita a fuga da realidade, também me aproxima da sensibilidade que o mundo oferece em suas múltiplas formas. Minha trajetória foi marcada pela cultura do skate e por expressões muitas vezes marginalizadas, como o grafite, o rap e o hip hop, que moldaram meu olhar estético e me fizeram reconhecer a potência transformadora dessas linguagens. Essas experiências ampliaram meu encantamento pelo modo como a arte pode comunicar, resistir e criar vínculos comunitários. Atualmente curso Ciências Sociais na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e sigo cultivando a arte como uma forma de conexão com o mundo, capaz de atravessar fronteiras entre o individual e o coletivo, o real e o imaginário. Vejo nela não apenas uma prática de expressão, mas também um caminho de encontro e diálogo com outras sensibilidades.

Microcosmos é uma produção artística em que exploro, por meio da pintura, elementos e ideias que compõem minha visão de mundo. A obra busca traduzir um universo próprio e diversificado, em que referências culturais, estéticas e afetivas se entrelaçam, revelando a arte como um espaço de expressão e, principalmente, conexão sensível com o coletivo e com a realidade.



FELIPE ONDEI
A Pesca | 2025

FELIPE ONDEI
No caminho
tinha uma
formiga | 2025





FELIPE ONDEI
Buda em
caligrafitti | 2024

HELENA FELÍCIO

FEITO EM PEDAÇOS

Helena Felício, 56 anos, pedagoga, doutora em educação, professora universitária. O meu primeiro contato com o *patchwork* e *quilt* foi em 2020 e desde lá tenho realizado vários cursos. Em 2023, participei na 26ª edição do Festival QuiltBrasil, em Nova Petrópolis, com a exposição da obra “Vida em Festa”. Em 2024, participei na 11ª edição do Festival Floripa Quilt, com a exposição da obra “Um girassol voltado para a luz”, que foi premiado em segundo lugar. Desde o início, tenho aprofundado no estudo do *patchwork*, bem como me dedicado a execução de projetos de peças utilitárias e artísticas.

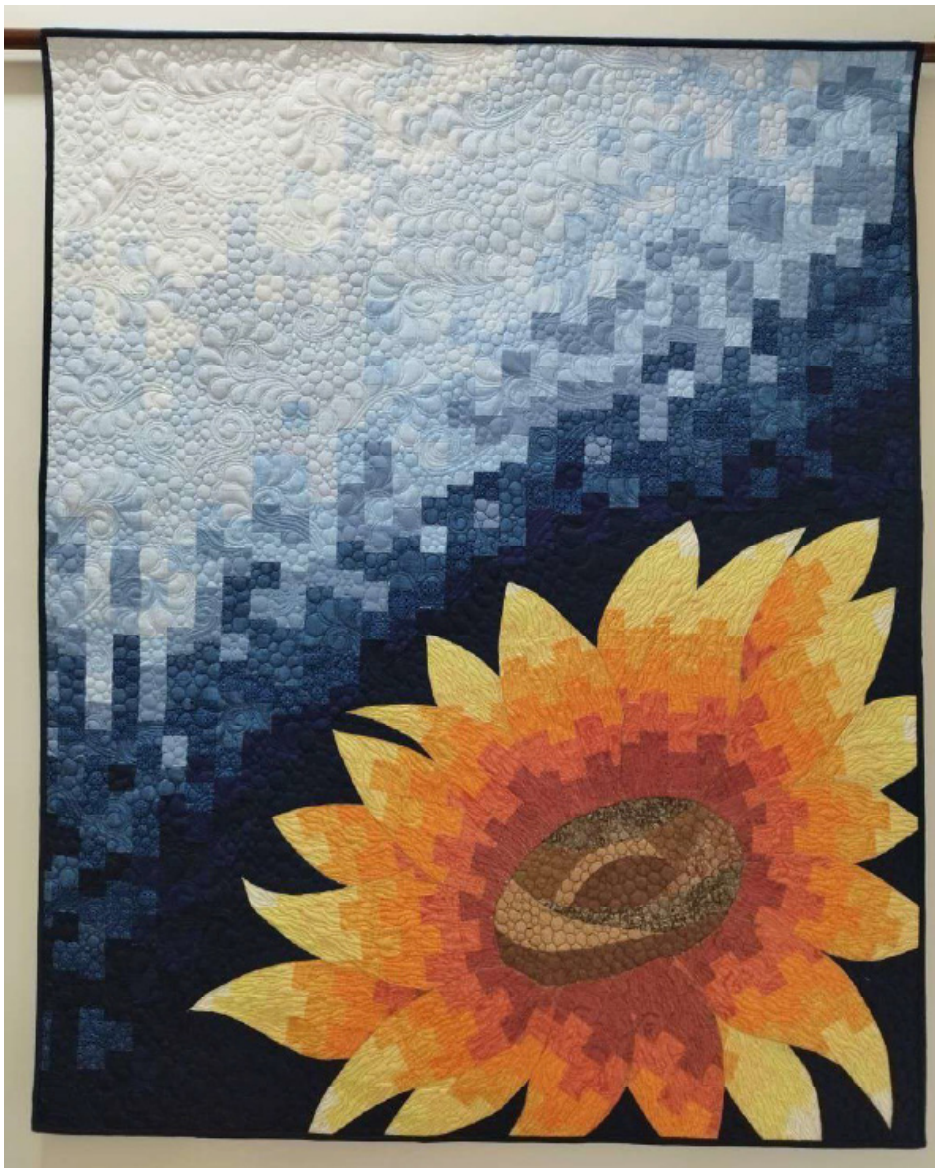
A tradução literal de *patchwork* é “trabalho com pedaços”. No universo têxtil, trata-se da técnica que envolve o ofício de unir pedaços de tecidos com uma infinidade de formatos, colorações e design variados. A palavra *quilt* provém do latim *culcita*, uma espécie de colcha composta por três camadas: o topo, o preenchimento e o fundo. Em meados do século XVII, a arte do *patchwork* e *quilt* chegaram às Américas, mais especificamente nos Estados Unidos e Canadá, fazendo parte da cena social, particularmente nas áreas rurais. Serviam como ferramenta de sobrevivência, de escape social e, em geral, eram a única forma de expressão criativa de mulheres. Na arte do *patchwork*, a cor é o elemento que mais chama a atenção numa peça. Saber combinar as cores e tons e conseguir uma harmonia entre eles é o grande passo para quem deseja fazer um bom trabalho em *patchwork*. De igual modo, o planejamento do *quilting* e a habilidade no controle do tecido são elementos essenciais para a confecção de um *quilt*.



HELENA FELÍCIO
Apenas um
instrumento | s.d.

HELENA
FELÍCIO
Enigma |
s.d.





HELENA
FELÍCIO
Um girassol
voltado para a
luz | s.d.

JOANA BENTES

EFEITOS DE LUZ

capixaba. artista das palavras e dos sons.

coleciono textos que podem ou não virar música. os efeitos de luz que proponho aqui são a manifestação de ideias, inspirações, aquilo que é fruto de processo, aceso parte a parte, como cômodos de uma casa-corpo; ou fagulha criativa, uma aposta que fica no bloco de notas, decanta, e talvez faça sentido depois. as entradas luminosas como um vazamento na revelação fotográfica analógica são a tentativa de apreensão do momento presente, mas sem se fechar; a abertura ao que à primeira vista é erro, vira efeito e é apropriado ao poema - como na vida.

JOANA BENTES
trem | 2025

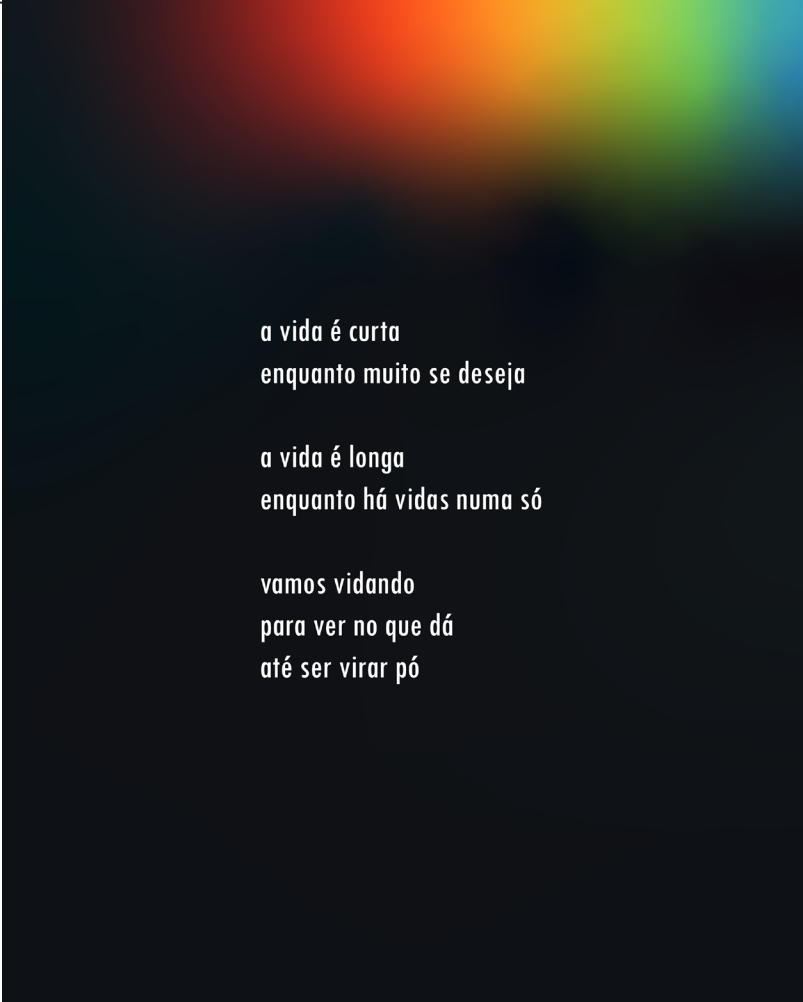
seu farol cruza a janela
do meu quarto
como um flagrante.

e antes que eu possa entender
do que se trata,
como uma amante,
tento esconder minhas partes.

meus olhos se acostumam
ao fresnel,
à longa distância,
nos trilhos deslizo,
me jogo na cama.

é quando o trem passa
que posso dormir, mansa.

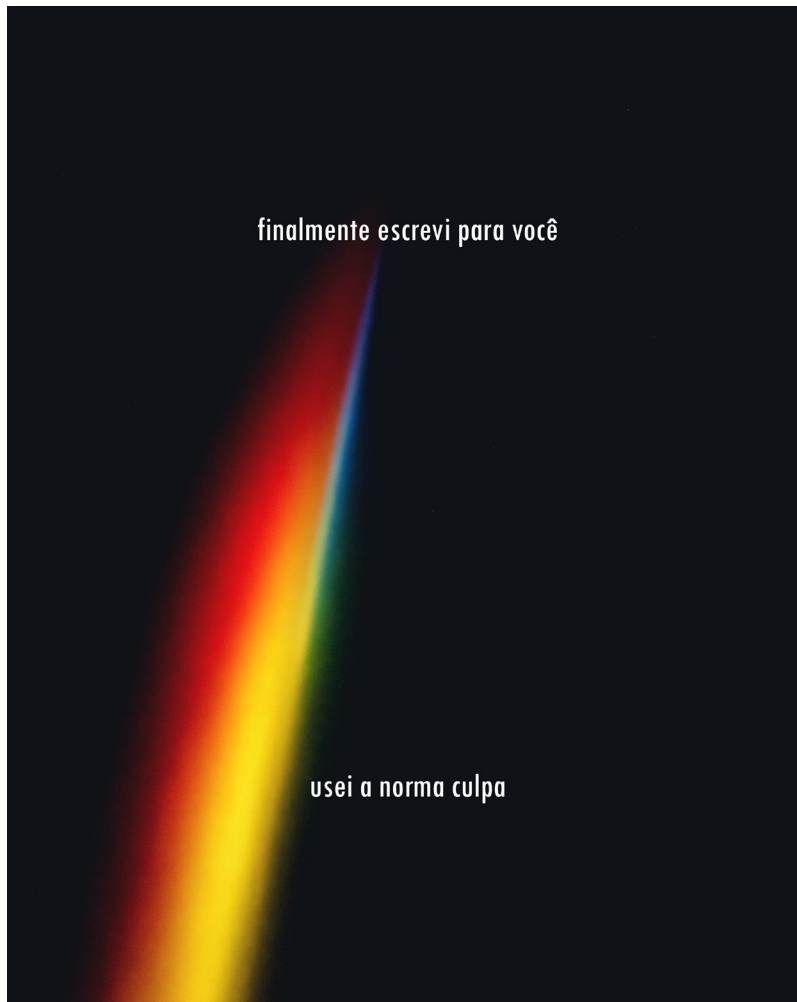
JOANA
BENTES
vidar | 2025



a vida é curta
enquanto muito se deseja

a vida é longa
enquanto há vidas numa só

vamos vidando
para ver no que dá
até ser virar pó



JOANA
BENTES
norma culpa |
2025

JOÃO MALBEC LACAZ

GALINHAS

João Malbec Lacaz, nascido em São José dos Campos-SP, interessou-se por arte por meio do contato contínuo de livros, exposições, apresentações e, principalmente, pela proximidade com seu pai, Lucas Lacaz Ruiz, fotógrafo, artista gráfico e composteiro.

Descrever o máximo do símbolo como o mínimo significante: este é, e foi, o objetivo. Os desenhos em carvão foram feitos a partir das fotografias de autoria do meu pai, das galinhas da compostagem. Deixo as linhas pretas, vermelhas e amarelas comunicarem por si o que as palavras comunicariam de outra forma: por isso da breve explicação, afinal o objetivo do artista não é definir o que é arte, mas é, na verdade, extrapolá-la.

JOÃO MALBEC
LACAZ
s/ título | 2025



JOÃO MALBEC
LACAZ
s/ título | 2025



JOÃO MALBEC
LACAZ
s/ título | 2025



JULIANA TREVISAN

SEGUNDA IMPRESSÃO

Juliana Trevisan nasceu em 1997, toca bateria em pelo menos quatro bandas, faz crochê, tricô, e é psicóloga no SUS, mas se considera multi-intrometida, com desenhos, escritos, fotografias, e coisas entre.

Surpreendo-me constantemente com interações sociais aleatórias que me fazem pensar sobre a forma como me coloco no mundo. São anos ouvindo que tenho cara de brava, que as pessoas sentem vergonha de falar comigo, que pareço inacessível. O fato de eu realmente construir uma persona que segue essa ideia me faz pensar sobre a ousadia e confiança dos estranhos que se metem a falar comigo nessa aleatoriedade. Também me revela que o esforço dessa construção é frutífero, feita em cima de pedaços quebrados tentando parecer inteiros, vistos como pedaços pelos outros. Eu não sou brava, mas gosto da cara. A ideia da série é relatar experiências de ousadia de terceiros e como esses diálogos revelam uma construção de si fragmentada.



JULIANA
TREVISAN
Faz-se na
fragmentação
| 2025

JULIANA
TREVISAN
Ida à cidade de
Alfenas | 2025





JULIANA
TREVISAN
Cara de com-
-quem-se-puxa-
-assunto | 2025

KAMUI

20 DIAS DE SILÊNCIO

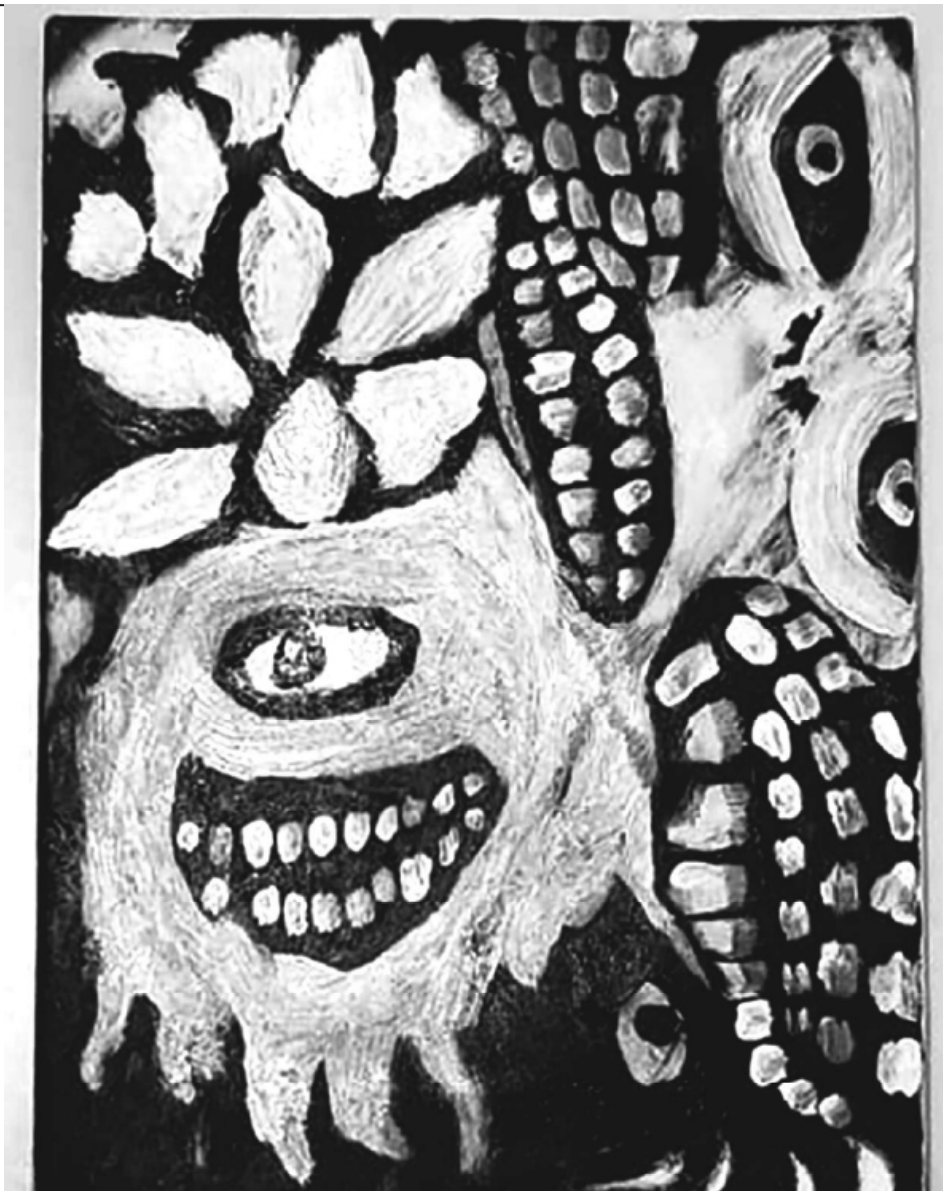
Kamui é codinome de Thales Nogueira, artista digital, musicista e bachalero em Flauta Transversal (IAD/UFJF). Sua produção consiste principalmente em Pixel Art, produzidas no software Aseprite, e digitalizações editadas de figuras monstruosas, inscritas na parede de seu quarto e em seu antigo caderno pautado utilizado no Ensino Médio. Recentemente, realizou seus primeiros experimentos em acrílica sob tela. Sua arte é influenciada pelo estudo da psicologia junguiana, por trilhas sonoras de videogames em 8-bit, assim como pela cultura de jogos digitais. A série “20 dias em silêncio” tem um título literal. Após o artista passar um período em estado não-verbal, saíram as figuras de olhos e dentes. . Como na frase de Ludwig Wittgenstein, “onde não se pode falar, deve-se calar”, o artista manifesta o ruído de sua consciência, quando as palavras não bastam mais.

Em resumo, foram telas que eu fiz durante uma internação em hospital psiquiátrico devido a uma crise de silêncio que tive, onde eu tinha que fazer atividades como pintura e desenho.



KAMUI
s/ título | s.d.

KAMUI
s/ título | s.d.





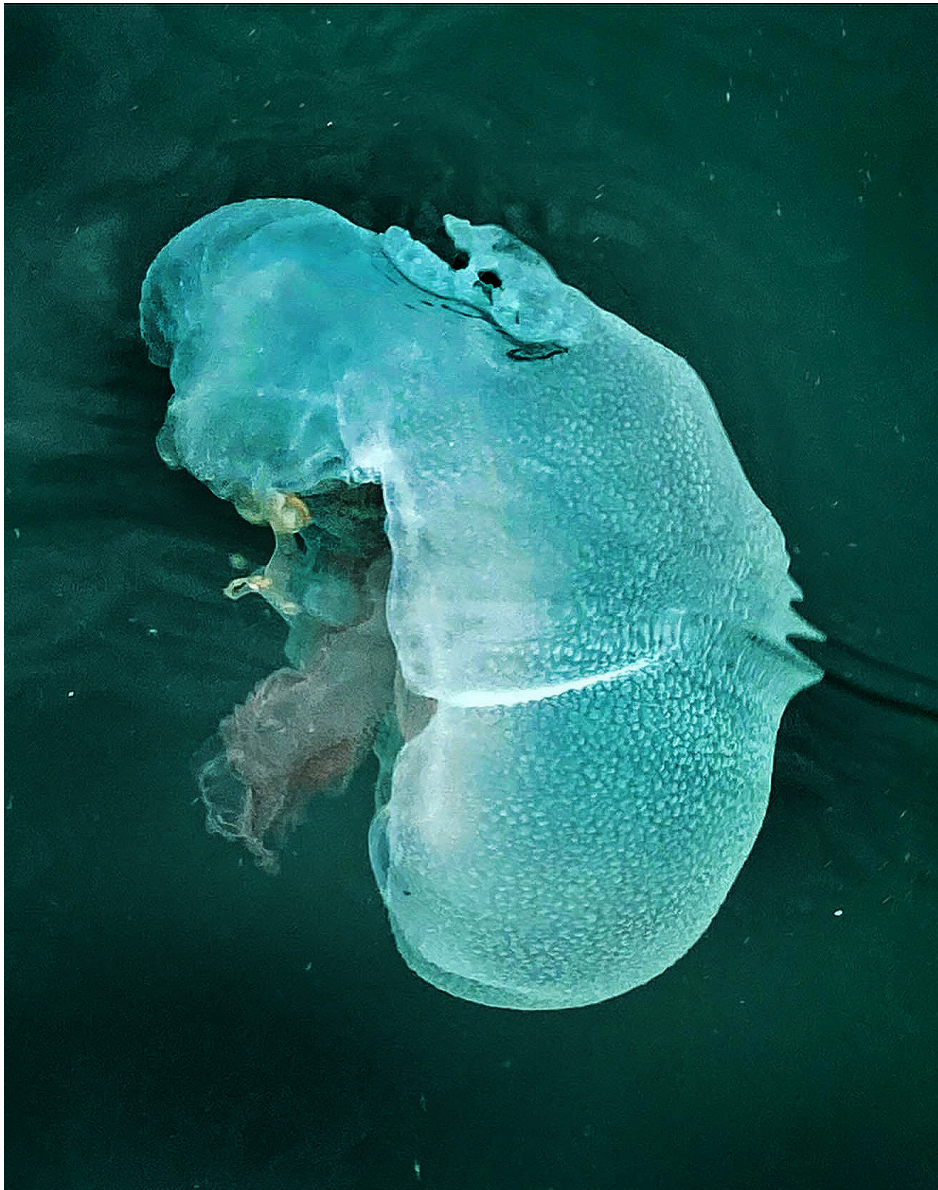
KAMUI
s/ título | s.d.

KÁTIA LOMBARDI

TRANSLÚCIDAS

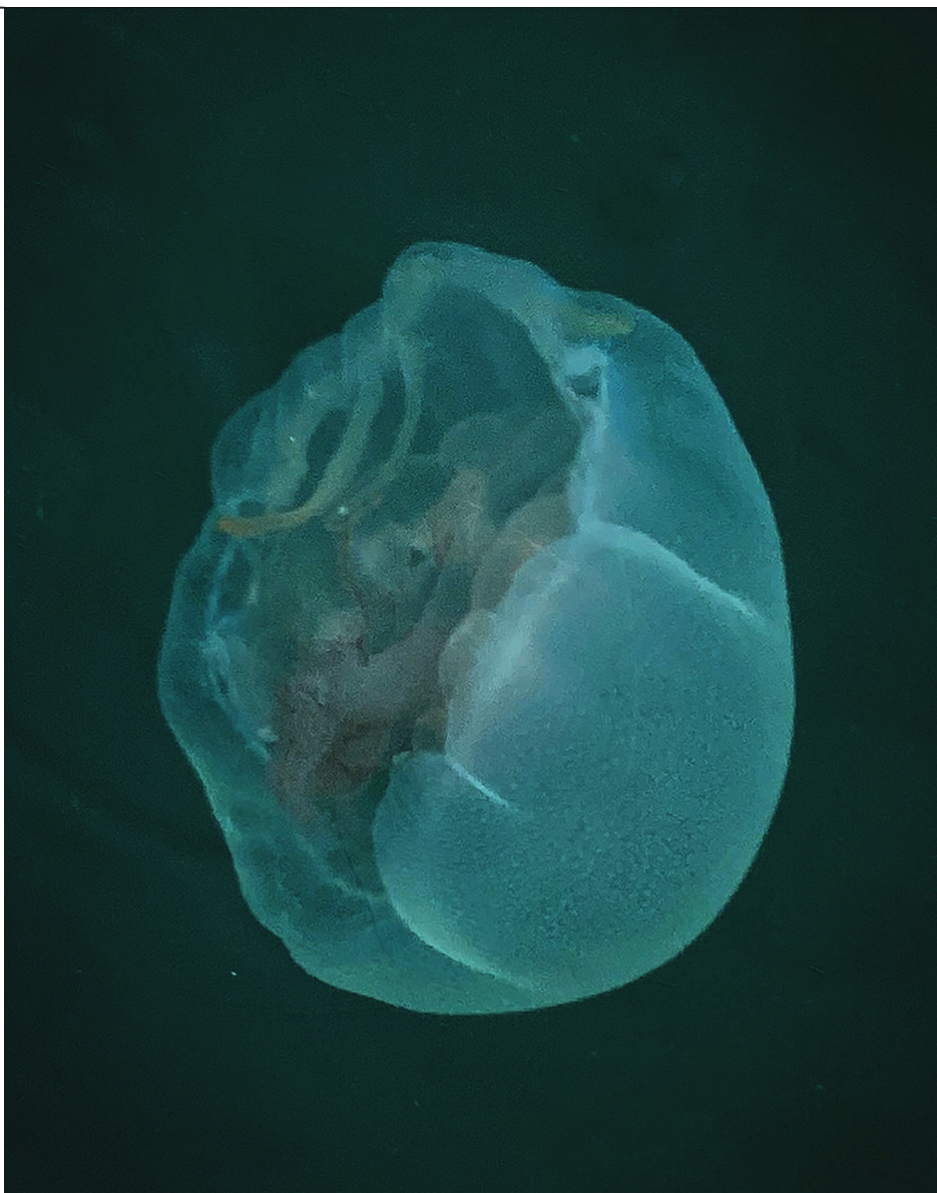
Fotógrafa, professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo e membro docente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-doutora junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (UFMG) e à Cátedra António Lobo Antunes, da Università Degli Studi Di Milano (UNIMI).

A luz vem por véus — um vintage sonâmbulo, quase sonho. As formas não dizem o nome; deixam pistas: brilhos gastos, sombras com perfume de cânfora. Há coisas que respiram fora do lugar, gravidade distraída, ecos que brilham só até a borda. O vidro guarda, a névoa apaga — e o olhar aprende a tocar sem pegar. Entre o sépia lavado e o azul de tanque, o mundo fica à beira de sumir: fotografia antes de fixar, memória antes de acordar. Um rumor antigo visita a superfície e, quando tentamos ver, a imagem recua um passo, lembrando sua precariedade. Vitrine que embaça por dentro, coleção de quase-aparições. E o ciano, paciente, sela cada lembrança com um brilho frio — luz que revela e, no mesmo gesto, deixa partir.



KÁTIA
LOMBARDI
Translúcidas 01
| 2025

KÁTIA
LOMBARDI
Translúcidas 03
| 2025





KÁTIA
LOMBARDI
Translúcidas 02
| 2025

MILTON BLASER

ANTROPO MORFIAS (AVESSOS)

Artista visual, vivo e trabalho em São Paulo Minha trajetória artística está voltada a questões da efemeridade, espacialidade e mutabilidade da matéria ao me apropriar de objetos do cotidiano usados e/ou recicláveis. O trabalho que venho desenvolvendo desde 2023 consiste em coletar objetos do dia a dia e ressignificá-los como um desdobramento de uma pesquisa iniciada há quatro anos, que se refere às questões do meio ambiente e do Antropoceno. O trabalho atual visa dar novos sentidos e gerar uma nova cosmologia a objetos do cotidiano que são isolados da sua função humana, experienciando assim novas configurações estéticas, transformando-os em instalações, fotografias, esculturas, pinturas e outras linguagens visuais. Sou graduado em licenciatura artística pelo Centro Universitário Belas Artes SP. Expus individualmente em 2025, 2022 e 2019 em São Paulo na Casagaleria e em 2025 também na Galeria 4 do CMA Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica RJ. Em coletivas nas galerias LambArts e Casagaleria, nos espaços FUNARTE, Oficina Cultural Oswald de Andrade, Ateliê 397 e salões de Atibaia, Bunkyo, Ubatuba, Piracicaba, Praia Grande, entre outros. Premiado em 2016 no VI Salão Internacional SINAP/AIAP com medalha de ouro em Pintura com o trabalho Monge.

As três fotografias pictóricas com intervenções em acrílica, aqui apresentadas, fazem parte da série Antropo Morfias (avessos). Nessas obras, joysticks, frigideiras e telefones coexistem com folhas secas de embaúba, todos recobertos por camadas de esmalte spray e tinta acrílica em cores vibrantes. Ao romper com a homogeneização cromática típica da indústria, crio composições que ressaltam a singularidade e a potência estética desses objetos, instaurando novas camadas de sentido. Em Antropo Morfias (avessos), a proposta é entrelaçar matéria viva e matéria fabricada. Objetos como telefones, frigideiras e joysticks convivem com folhas de embaúba, cujas superfícies, pintadas na mesma cor dos objetos industriais, revelam o “avesso” de imagens e formas habitualmente naturalizadas. Ao nos depararmos com estes objetos descartáveis dispostos junto com folhas secas de embaúba, o orgânico e o inorgânico se fundem, formando pequenos núcleos escultóricos que suscitam provocações e ironias. A proposta remete às causas do Antropoceno e à importância do espaço que esses objetos ocupam no cotidiano da vida humana.



MILTON BLASER
Antropo Morfias
(avessos) 1 | s.d.

MILTON
BLASER
Antropo Mor-
fias (avessos) 2
| s.d.





MILTON
BLASER
Antropo Mor-
fias (avessos) 3
| s.d.

MIRTIGO

DESCONEXÃO

Estudante de Direito na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, nascida em Cuiabá/MT e crescida em Monte Alto/SP, aspirante a ilustradora.

Manifestações dos meus sentimentos.

MIRTIGO
Grades | 2021



MIRTIGO
Dissociação | 2021



MIRTIGO
Cosmos | 2020



NALARA

Artista amadora, aquela que nunca diz não a qualquer tentativa de criar. Da pintura com os dedinhos na infância até o cuidado de enfeitar um bolo de casamento, acredita que a arte está em tudo. Para ela, arte é vida, é o que transforma nossa breve passagem pelo mundo em algo inesquecível, revelado nos pequenos e nos grandes detalhes. Busca viver de forma criativa, colorindo cada experiência com significado e emoção, acreditando que a beleza está presente até nos gestos mais simples.

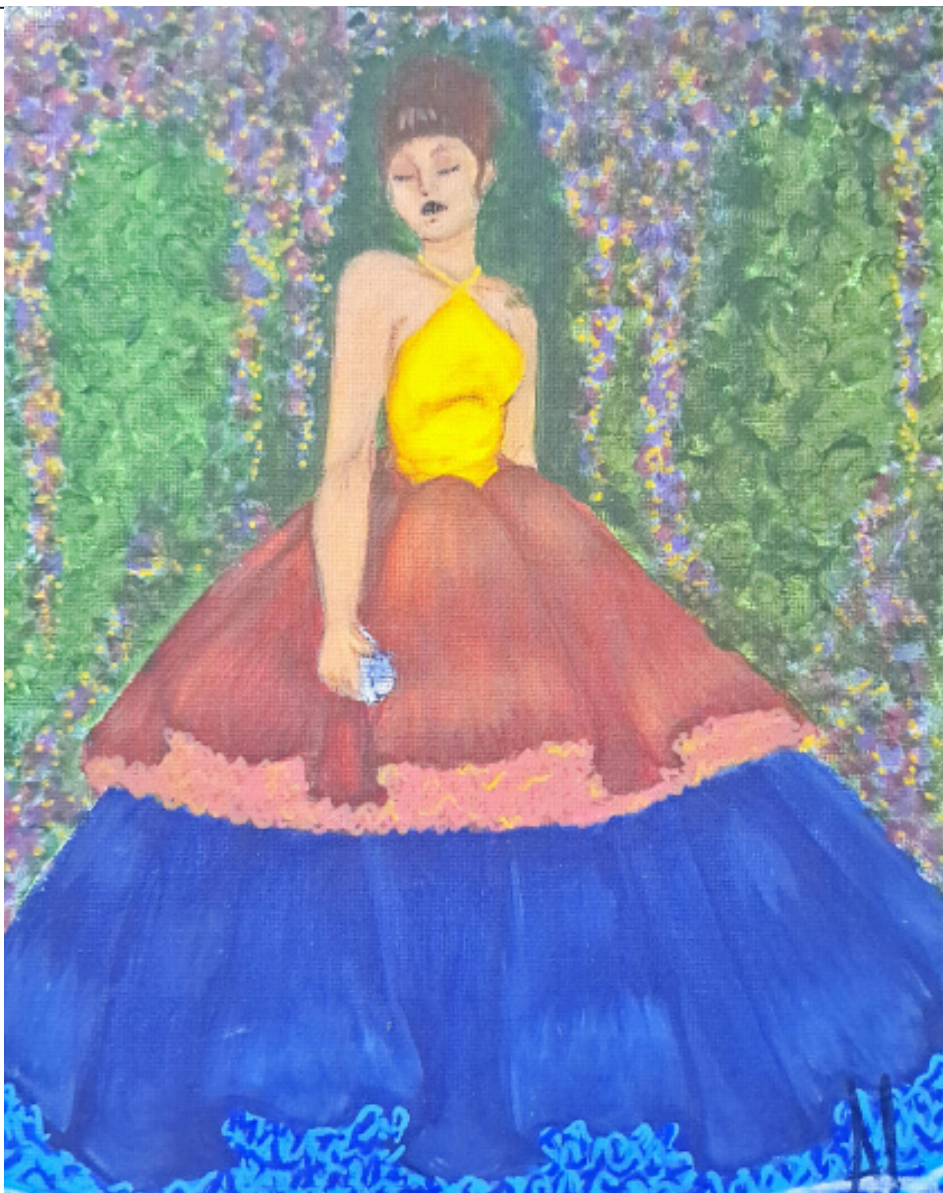
RESPOSTAS

Foi uma tentativa de traduzir um momento de luto e solidão, quando as palavras já não eram suficientes. A pintura tornou-se meu abrigo: ao sujar as mãos de tinta, encontrei refúgio no silêncio da criação. A cor escolhida e cada posição no quadro carregavam pedaços da melancolia, das memórias que, por serem tão boas, deixaram saudade. A moda, sempre em meu viver, também se fez arte nesse processo. Em formas volumosas e intensas, refletiu aquilo que transbordava de dentro de mim. O quadro “Quando?” também faz parte de outra coleção minha chamada “Nostalgia”, na qual aquela lembrança desperta minha criatividade. Assim, as telas tornaram-se confissão e testemunha: guardou dor, lembrança e beleza, transformando ausência em presença e fragilidade em arte. As respostas para o porquê, o onde e até mesmo o quando talvez permaneçam incertas. Na personagem que criei, há símbolos do meu sentir. Seus olhos fechados revelam a recusa em encarar a realidade, como se negar fosse a última forma de resistência. O quadro final é memória dela mesma: uma versão com cores mais vibrantes, voltada ao ambiente em vez do próprio corpo. A arte, nesse instante, foi minha ponte entre silêncio e expressão, entre saudade e esperança, entre dor e beleza. Uma tentativa de eternizar em cores aquilo que o coração não soube calar.

NALARA
Por que? | 2025



NALARA
Onde? | 2025



NALARA
Quando? | 2025



NICOLE PASSOS

A VIDA E EU

Sou apaixonada por artes desde criança. Gostava de tudo e até me perdia por não saber qual arte ou estilo seguir, até que percebi que não é necessário escolher uma só coisa e nunca mais olhar para trás. É vivendo o diferente que nos encontramos. Foi assim que descobri que minha maior paixão é a moda, mas são as artes fora dela que me inspiram a continuar nesse caminho. Inspirar-me em literatura, colagem, música e pintura para criar um design torna a arte de fazer moda muito mais interessante, na minha visão. A vida está aqui para ser observada e também para ser vivida, passando pela lente dos nossos olhos e mostrando como sentimos tudo isso.

Minha produção vem a partir da arte como terapia. Quando me sinto perdida e desamparada é nela que me encontro, é ela que me dá a criança de 10 anos atrás que adorava pintar, brincar na rua e ir no clube da cidade ainda está aqui. É um acolimento que encontro quando não consigo agarrar minha família, expulsar a solidão que sinto por estar longe. É tentar aliviar a angústia de não conseguir ver os amigos e demorar tanto tempo para ser sincera com alguém de novo.



NICOLE PASSOS
Talvez fora d'água é
mais legal | 2025

NICOLE PASSOS
O horizonte para
mim | 2023





NICOLE PASSOS
Tudo no seu tempo
| 2025

PAULINHO BREU

MAIS UM GRITO

Paulinho Breu é artista, pesquisador e educador, com atuação transdisciplinar entre música e artes visuais. Constrói instrumentos musicais, compõe canções e desenvolve esculturas sonoras interativas que exploram a relação entre corpo, matéria e som. Atualmente, é mestrando em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade na Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), investigando processos criativos que unem cerâmica, plástico e resíduos plásticos em obras que dialogam com a ansiedade climática e a consciência ambiental. Além da produção artística, dedica-se à docência em música, valorizando práticas coletivas e experimentações sonoras como caminhos de aprendizagem e expressão.

“Mais um grito” é uma série de esculturas sonoras desenvolvida por Paulinho Breu que explora a potência expressiva do grito como metáfora da ansiedade contemporânea, especialmente diante das crises ambientais e climáticas. As obras são compostas por cerâmica, plástico e materiais coletados, articulando contrastes entre o artesanal e o industrial, o orgânico e o sintético, o passado e o futuro. As esculturas assumem formas antropomórficas: cabeças, mãos e pés. Sendo as cabeças sempre representadas em gesto de grito. Esse gesto é ampliado pelo som: cada peça é também um dispositivo sonoro, que convida à interação e à escuta. O encontro entre o visual e o auditivo cria um espaço de ressonância simbólica, em que a matéria ganha voz e corpo. Na série, o uso da cerâmica evoca permanência, tradição e memória ancestral, enquanto o plástico traz à tona questões de consumo, excesso e degradação ambiental. Essa fusão de materiais carrega uma poética da contradição, instaurando tensões que atravessam tanto o campo estético quanto o político. Mais um grito se inscreve, assim, como um gesto artístico que convoca à reflexão sobre vulnerabilidade, resistência e consciência coletiva, propondo uma escuta expandida das urgências do nosso tempo.

PAULINHO
BREU
Corpo dividido
| 2024



PAULINHO
BREU
Flautas |
2025





PAULINHO
BREU
Udú | 2024

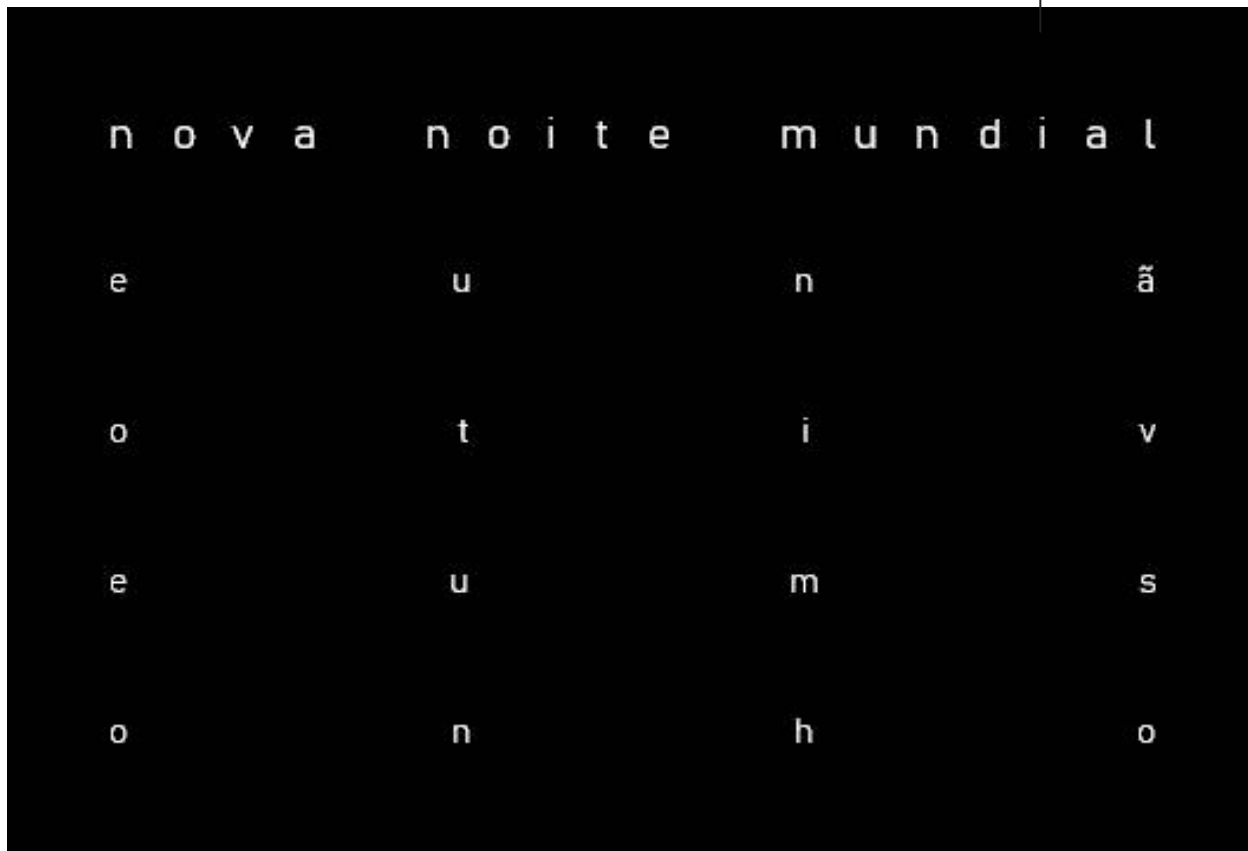
RONALD POLITO

TRÊS POEMAS VISUAIS

Ronald Polito é poeta, tradutor e artista plástico. Publicou os livros de poemas Solo, Vaga, Objeto, Intervalos, De passagem, Pelo corpo (com Donizete Galvão), Terminal, Ao abrigo, Rinoceronte e sem termo, e o infanto-juvenil A galinha e outros bichos inteligentes, com poemas visuais de Guto Lacaz. Realizou a exposição individual Minimundos no Museu de Arte Murilo Mendes e na Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, e a exposição individual Transposia, no Estudio 19, em Santa Teresa (RJ). Curador de exposições, as mais recentes de Walter Sebastião e de Fani Bracher na RH Espaço Arte (Juiz de Fora).

Há mais de 30 anos venho criando obras no campo da poesia visual. Os que selecionei apontam para direções bem distintas, pois seus significados não se reduzem ao campo a que prioritariamente os vincularei. Um trabalho tem natureza eminentemente política, o segundo está mais ligado ao campo da natureza e da existência e o terceiro tenta ser uma reflexão sobre a própria possibilidade da poesia. O trabalho “político” “NOVA NOITE MUNDIAL” remete ao bordão “nova ordem mundial”, surgido no final dos anos 80. O corpo do poema se apropria e distorce a famosa frase de Luther King, “Eu tenho um sonho”, tornando-a passado e negando-a. O fundo escuro é a noite; o espaçamento das letras indicia a onipresença da escuridão, na qual estamos todos envolvidos na contemporaneidade tenebrosa cujo início pode bem ser o 11 de Setembro de 2001. O “Morro” é tanto uma representação do próprio morro quanto o ato de morrer, cuja última letra é o corpo tombado. A letra tremida aponta tanto para a erosão da natureza quanto para o enfraquecimento do indivíduo ao morrer. Foi escrito durante a pandemia de Covid-19. O “slnc”, pretende ser uma possível arte poética. Muitos autores já refletiram sobre o fim de toda linguagem: alcançar o silêncio, uma dádiva que nos é negada em meio ao incrível barulho do mundo, o ruído infinito que destrói nossa paz cotidiana.

RONALD POLITO
 “Nova noite mundial” | 2025



RONALD POLITO
"Morro" | 2021



RONALD
POLITO
“Slnc” |
2020

s l nc

SENHORITA BARROS

1/2 A 1/2: TRÊS FOTOPOEMAS

Senhorita Barros (São Paulo, 1984) é artista da palavra, trabalhadora da cultura e pesquisadora das geografias. Tem poemas em texto, imagem, áudio e vídeo, publicados em veículos diversos desde 2013. Entre 2014 e 2019, participou do Coletivo VieLa En Close (Vielada Cultural, Favela Jazz Festival, Jazz na Kombi, Sarau da Viela, Menor Sarau do Mundo) e, entre 2020 e 2024, foi coeditora-curadora da revista BUFO (poesia visual/experimental). Vive em São João del-Rei (MG) desde 2021.

1/2 a 1/2: TRÊS FOTOPOEMAS é um trio de fotocolagens simples, cada uma contendo duas metades de duas fotografias diferentes, pertencentes ao acervo pessoal da autora. As fotografias foram feitas em diferentes distritos de São João del-Rei (MG) entre 2021 e 2022, tendo como elemento comum a presença da palavra inscrita na paisagem. As fotocolagens, por sua vez — aqui denominadas fotopoemas —, buscam subverter a palavra e o seu suporte territorial, a partir do diálogo espírituoso entre diferentes meias imagens, sugerindo, desse modo, outros sentidos para a interação palavra-território.

SENHORITA BARROS
1 dia de cada vez | 2021



SENHORITA
BARROS
Se conselho
fosse casa |
2022



SENHORITA BARROS
Se arder, não case | 2021



SILVIA REIS

RESCALDO

Silvia Reis é artista, fotógrafa e educadora, nascida e criada no distrito de Elvas, em Tiradentes/MG. É mestra em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), onde também se graduou em Comunicação Social – Jornalismo e em Letras. Sua atuação se destaca pela articulação entre arte, fotografia e comunicação, criando obras que exploram essas interseções de maneira sensível e singular. É uma das fundadoras e integrantes do Estria Foto Coletivo, grupo que desenvolve projetos voltados à produção de imagens críticas e poéticas e à formação educacional. Entre os destaques de sua trajetória como fotógrafa estão os ensaios publicados nas revistas *Rasante* e *E-metropolis*, a instalação “Cidades (in)visíveis” e a curadoria da exposição “Olhares: uma narrativa do cotidiano”, realizada durante sua pesquisa de mestrado. Participou de diversas exposições coletivas, como “Femina”, “Entre Pregos e Espinhos” e da instalação urbana “Quando Somos Todas, Quem Encara?”. Em 2024, realizou sua primeira exposição individual, *Adinkra: Tradição forjada a ferro*, que reuniu fotografia, memória e ancestralidade a partir do diálogo com os símbolos *Adinkra* e as técnicas de forja tradicionais de Tiradentes e região.

A série *Rescaldo* nasceu das minhas inquietações com as queimadas e a poluição do ar durante os meses mais secos de 2024. No meio desse clima inóspito, em que era impossível ignorar a crise ambiental, eu precisava produzir uma série para o curso “Artesanias na Fotografia”, ministrado por Jacqueline Hoofendy. Queria fazer algo que denunciasse, sim, mas que também expressasse cuidado. Foi aí que me veio a ideia de usar gaze — esse tecido que a gente associa a curativos, à ideia de tratar o que foi ferido. A virada aconteceu quando passei por uma queimada na Estrada Real, que liga Santa Cruz a Tiradentes. Aquela imagem da vegetação destruída era o sinal que faltava. A série precisava falar do que sobra depois do fogo. Do rescaldo — tanto no sentido literal, das brasas, da fuligem, da paisagem marcada, quanto no simbólico: a sensação de que algo ficou, de que algo ainda queima mesmo quando o fogo parece apagado. Então comecei a intervir com gaze, e depois usei o fogo. Misturei o documental com o poético, o que se vê com o que se sente. E assim nasceu *Rescaldo* — uma série sobre os restos, as marcas, o calor que fica. Sobre um planeta em estado de alerta, mas também sobre a urgência de cuidar, mesmo em meio às cinzas.



SILVIA REIS
Rescaldo 1 | 2024

SILVIA REIS
Rescaldo 2 |
2024





SILVIA REIS
Rescaldo 3 |
2024

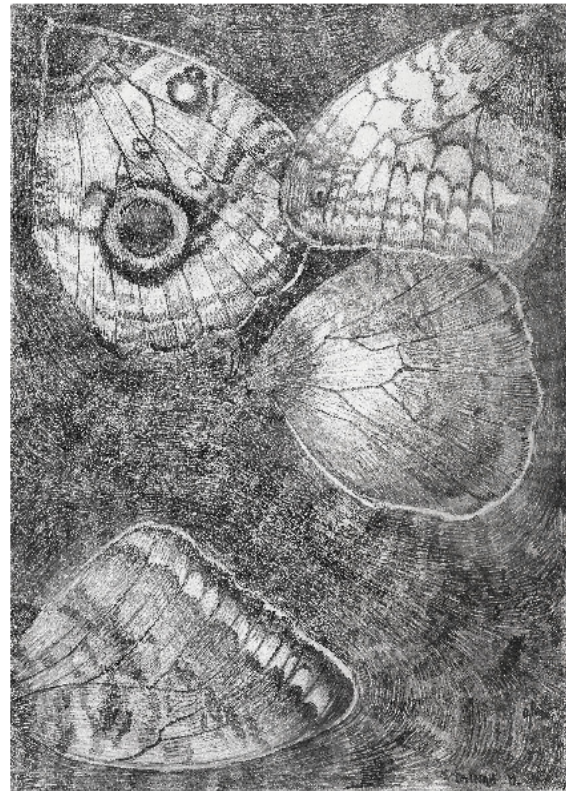
SOTURNALIA

ATRAVESSANDO

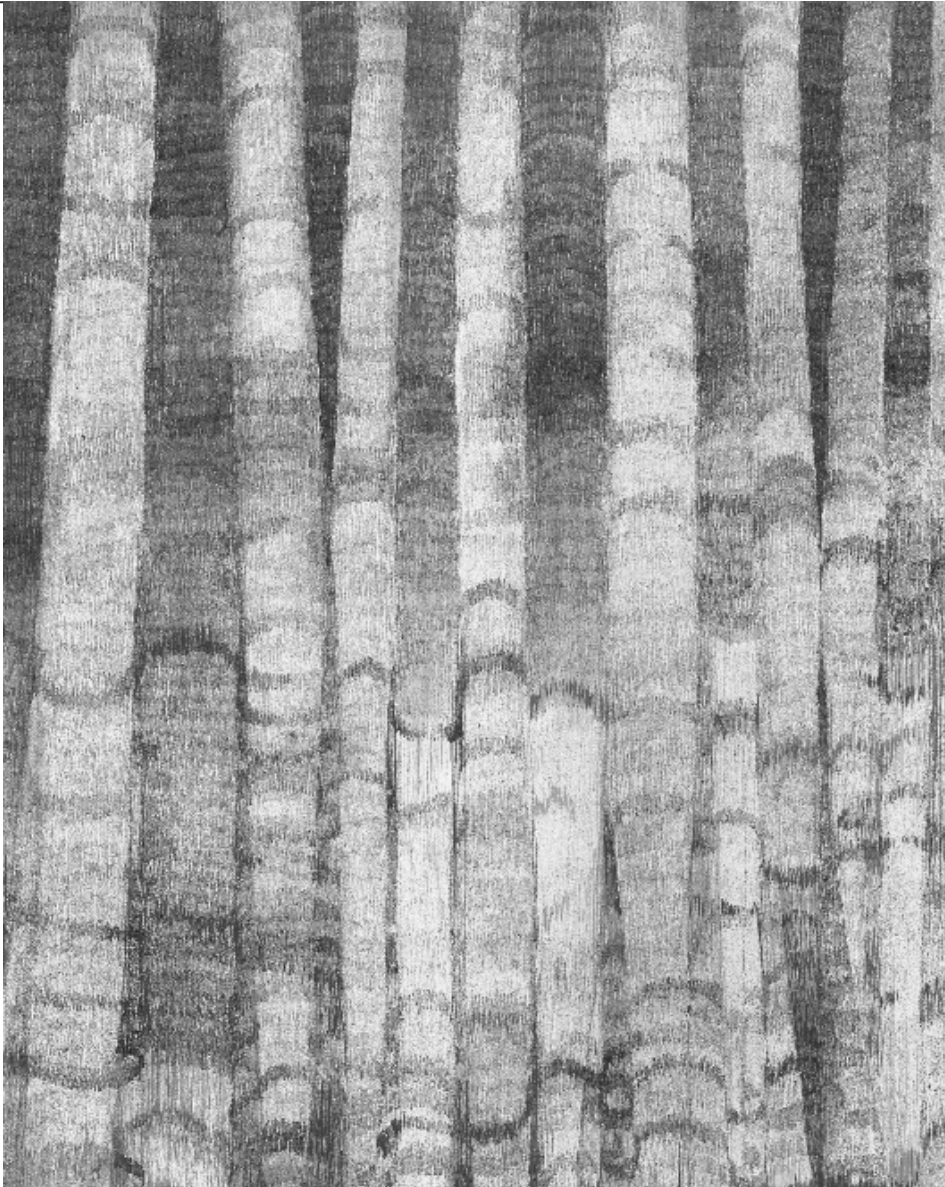
Tainah é Bacharela interdisciplinar em Artes e Design pela UFJF, com eixo de concentração em Artes Visuais. Foi Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Artística (PIBIART/UFJF). Sob o nome artístico “soturnalia”, se interessa por explorar o fazer artístico como prática espiritual, o que inclui investigar elementos do processo das mais diversas naturezas, e a forma com que cada um está intimamente ligado com a visão de mundo de cada artista.

A série “Atravessando” é fruto de uma pesquisa sobre elancolia e depressão, desenvolvidas entre os anos de 2021 e 2024 do Bacharelado em Artes Visuais pela UFJF, através do Programa Institucional de Iniciação Artística (PIBIART/UFJF) e que posteriormente se tornou meu Trabalho de Conclusão de Curso. Nela, busco tratar o Vazio como problema de pesquisa, e encontrei respostas no fazer artístico como prática espiritual. De caráter processual, parte importante da pesquisa era investigar elementos que apareciam com insistência nos trabalhos. Como uma forma de “Travessia de Fantasia”, foi desenhando a mesma imagem com técnicas diferentes, experimentando com edições digitais ou simplesmente por meio do desenho intuitivo, que aos poucos o discurso melancólico esvaziado foi se tornando mais bem articulado, e a ligação entre o criar e o viver mais fortalecida.

SOTURNALIA
O que vemos, o que nos olha
| 2023



SOTURNALIA
Diáfono | 2023



SOTURNALIA
Dos frutos | 2024



RAVI FREITAS

GAFANHOTOS

Ravi, 26 anos, natural de Poços de Caldas (MG) e crescido em Tiradentes (MG). Atualmente é estudante de Artes Aplicadas na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Desenvolve seu trabalho a partir das artes visuais, principalmente no desenho, pintura, cerâmica e ilustração.

A série Gafanhotos surgiu de um momento de auto-análise, no qual refletindo sobre minha própria identidade acabei por concluir que eu não tinha a menor ideia de quem eu era. A imagem do gafanhoto surge neste contexto como um duplo significado, primeiro como a ideia de uma máscara, algo que substitua minha própria personalidade, sendo uma maneira de escondê-la e em segundo como a memória de um interesse da minha infância, insetos. As peças se dividem em períodos de busca pelo o que há de concreto no meu eu. É um primeiro momento de um trabalho que ainda pretendo desenvolver futuramente.

RAVI FREITAS
Devaneio | 2024



RAVI FREITAS
Sonho | 2024



RAVI FREITAS
Pensamento | 2024



VICTOR H. AZEVEDO

PÁGINAS DO CADERNO DE MARI

É escritor, desenhista e pesquisador voltado para área de memória e literatura. Páginas do caderno de Mari.



VICTOR H.
AZEVEDO
Mágico fazen-
do fumaça | s.d.

VICTOR H.
AZEVEDO
Dentão | s.d





VICTOR H.
AZEVEDO
Menino
chora | s.d.

Revisado e editado outono de 2026.

